

**LÍNGUA E FALA NO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL:
UMA LEITURA ENUNCIATIVA**

**LANGUAGE AND SPEAKING INTO GENERAL LINGUISTICS COURSE:
AN PREDICATIVE READING**

Karine Rios de Oliveira¹
Thiago André Rodrigues Leite²

Resumo: Intentamos, neste artigo, abordar alguns aspectos sobre língua (*langue*) e fala (*parole*) no Curso de Linguística Geral (CLG), de Ferdinand de Saussure, o qual afirma que a língua é um sistema constituído de signos linguísticos arbitrários que são atualizados via atos de fala. Cumpre ressaltar que Saussure toca no termo sistema nessa obra, a qual, dependendo do mote de leitura, é tomada como obra estruturalista, o que difere de nossa leitura.

Palavras-chave: Língua. Fala. CLG. Sistema. Estrutura.

Abstract: We intended in this article approach some aspects of language (*langue*) and speech (*parole*) in the Course in General Linguistics (CGL), by Ferdinand de Saussure, who affirms that the language is a system of arbitrary linguistic signs that are updated via speech acts. It should be noted that Saussure discusses about the term system in this work, which, depending on the theme of reading, is taken as structuralist work, which differs from our reading.

Keywords: Language. Speech. CGL. System. Structure.

Introdução

As ciências passam por processos para estruturarem-se, para fundamentarem-se, firmarem-se e, sobretudo, para serem reconhecidas. Nesse processo, muitas são validadas como ciências autônomas. Tal se deu também com a linguística e isso se deve, em boa parte, ao Curso de Linguística Geral (doravante CLG), de Ferdinand de Saussure. Nessa obra, a língua é tida como responsável pela unidade na linguagem, e que constitui, no CLG, o objeto de estudo, denotando, assim, uma prioridade, mas não a exclusão de outras questões, como por exemplo, a fala.

¹ Aluna do curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora de Língua Portuguesa pela Escola Estadual Prof. Luiz Antônio Correia de Oliveira, Araxá, Minas Gerais. Contato: karinerios@hotmail.com

² Aluno do curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor de Língua Portuguesa pela Escola Estadual Cel. José Faleiros de Aguiar, Grupiara, Minas Gerais. Professor de Língua Inglesa pela Fundação Carmelitana Mário Palmério (FUCAMP). Contato: thiago_fucamp@hotmail.com

No que diz respeito a essa obra, é importante frisar que ela suscita diferentes olhares acerca da linguagem. Há leituras dela que priorizam questões estruturais, no sentido de não olhar para aquilo que ali insiste e aponta para a fala. Desse modo, é por essa e por outras razões que o CLG é visto por vezes como uma obra estruturalista, a partir da qual Saussure (2006) é considerado o “pai do estruturalismo”, com o que não corrobora nossa leitura, conforme abordaremos no decorrer do texto.

Saussure afirma no CLG que é dos signos e de suas relações que a linguística se ocupa, chamando-os de entidades concretas dessa ciência. Comparando essa afirmação com questões do estruturalismo em linguística, faz-se relevante dizer que, conforme pondera Benveniste (2006), o estruturalismo considera a constituição das peças do jogo e suas relações. Tanto em Saussure como na ponderação de Benveniste (2006), há o vocábulo “relações”, o que nos leva a perguntar: Como elas acontecem entre as peças do jogo, ou seja, entre os signos linguísticos?

A despeito da pertinência ou não de vincular estruturalismo a Saussure (2006), é inegável reconhecer que os estudos linguísticos devem muito a esse autor, ocorrendo de todo e qualquer linguista, de certa forma, voltar a ele, seja para referendá-lo ou dele afastar-se a depender do mote de leitura, como se deu com os estruturalistas, dentre os quais foi imputada a Saussure (2006) forte influência nessa corrente teórica dos estudos linguísticos e, também, nas outras correntes dessa ciência.

Dentre os muitos aspectos da teoria saussuriana a que se voltam os linguistas, conforme previamente mencionamos, são constantemente (re)visitadas as noções de língua e fala. Por isso, neste artigo, abordaremos alguns aspectos sobre essas noções, destacando que a língua é um sistema constituído de signos linguísticos arbitrários, os quais ganham valores via *atos de fala*³. Para discorrer sobre esses aspectos, basear-nos-emos em Saussure (2006), Benveniste (2006) e Deleuze (1973).

Língua: alguns aspectos

Para discorrermos sobre língua, gostaríamos, primeiramente, de dizer que ela faz parte da linguagem, que é, sob a ótica saussuriana, multiforme e heteróclita, sendo a língua

³ Concebemos aqui *ato de fala* como semelhante à *enunciação*, que é, nos dizeres de Benveniste (2006, p. 82), “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”.

o seu aspecto social, coletivo, por se tratar de algo compartilhado entre seus falantes que a recebem como herança. Nesse sentido, Saussure (2006, p. 88) afirma que “dizemos *homem* e *cachorro* porque antes de nós se disse *homem* e *cachorro*” (grifos do autor), apontando para o fato de que, por não haver mudança abrupta e individual, a língua é, pois, considerada imutável.

Em contrapartida, podemos verificar, no CLG, afirmações que apontam para a mutabilidade da língua, já que, ao considerar esta, pensar sob a perspectiva saussuriana é pensar em relação, é observar os constituintes desse sistema linguístico, mais especificamente a relação que estabelecem entre si. Assim, vale dizer que essa mutabilidade se dá via atos de fala, conforme detalharemos em tópico subsequente.

No que tange ao sistema, Saussure (2006) afirma que as unidades linguísticas que o compõem são definíveis, não isolada e diacronicamente, mas nas relações entre elas, não sendo possível falar das características dessas unidades fora dessas relações, indicando a não fixidez entre os elementos constituintes do signo linguístico (significado e significante), isto é, a própria questão da mutabilidade.

Em observância a essa questão de não fixidez, Saussure constata que, por exemplo, a ideia de *mar* não tem nada a ver com a sequência *m-a-r* e essa verificação constitui uma das propriedades fundamentais do signo linguístico, a arbitrariedade, mostrando que, nesse processo, não há nada de natural. O elemento não tem uma propriedade totalizante. Não há imanência. Se houvesse o essencial, não haveria o signo diferente, o valor diferente.

Nessa perspectiva da arbitrariedade do signo linguístico, torna pertinente destacar a teoria do valor. De acordo com essa teoria, os signos sofrem deslocamentos na relação entre significado e significante porque seu valor não se dá *a priori*, destacando que não há nada de essencial nesse laço, de forma que tal valor passa a ser definido quando o signo é colocado em funcionamento, ou seja, a partir do momento em que está relacionado a outros, havendo, portanto, certa “liberdade”⁴ nessa relação.

Essa “liberdade” na associação entre significante e significado e entre signos permite entrever a existência de dois possíveis objetos de estudo nos trabalhos linguísticos, a saber, a língua e a fala, porque há fixidez da língua paralela a essa “liberdade” que se dá pelo ato de fala, no qual são possíveis as variadas relações. O signo é, então, definido

⁴ Aspeamos “liberdade” porque não é possível fazer qualquer coisa com a língua, uma vez que esta impõe certos quadros a serem seguidos pelo falante, que não é, pois, senhor da língua.

coletivamente, ou seja, ele é socialmente instituído, e isso significa dizer que não está colado àquilo por ele expresso, que, se assim fosse, as nomeações seriam as mesmas. Como não são, não se pode considerar a existência de algo essencial entre aquilo expresso pelo signo em termos de significado e sua imagem acústica. Se assim fosse, os idiomas não seriam diferentes, nem as coisas seriam nomeadas diferentemente, e, para todas elas, os falantes empregariam os mesmos signos. Tal não é pertinente a ponto de, conforme observa Benveniste (2006), certas culturas nomearem certas coisas e não outras, ou o fazerem de modo distinto, o que é semelhantemente observado por Saussure (2006), ao reconhecer que isso explica inclusive o fato de os falantes não usarem exatamente os mesmos signos, mas o fazerem de modo aproximado. Nesse sentido, há até mesmo entre os falantes um meio termo entre o que é permitido pelo sistema (o que nele é convencionalizado) e a atualização que dele se faz.

Nessa perspectiva, associamos a língua, assim como faz Saussure (2006), à metáfora da “folha de papel”. Essa metáfora aponta para o fato de que, na língua, ao tocar no significado, toca-se no significante e vice-versa, o que nos faz associar também à metáfora do “jogo de xadrez”, uma vez que ali, ao movimentar uma peça, muda-se toda a relação. O bispo, por exemplo, dependendo das peças pelas quais ele está rodeado, ganha outro valor, indicando que há um vazio na língua (jogo) que permite o falante movimentar os elementos linguísticos, levando-se em conta que, conforme Saussure (2006, p. 25), “o signo escapa sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial; é, porém, o que menos aparece à primeira vista”. Com relação a essa afirmação, diríamos, por exemplo, que um signo pode reclamar significados outros, dependendo do lugar que está ocupando. E essa parece ser a própria essência da língua, isto é, escapar à vontade individual ou social, apontando para o fato de isso se dar via atos de fala.

Fala: alguns aspectos

Saussure (2006, p. 95), ao afirmar que “a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos”, tomando *termos* como signos linguísticos (elementos linguísticos), deixa entrever que os valores são “puros”, no sentido de se darem via atos de fala, havendo a relação, que determina o lugar (posição ou espaço). Desse modo, se Saussure toca em “atos de fala”, então toca no

falante, o que nos permite associar ao fato de que, conforme esse autor, “a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça” (SAUSSURE, 2006, p. 27). A língua, que é o princípio de ordenação, se configura pelos atos de fala do falante, o qual promove a atualização do sistema linguístico.

Baseando-nos em Saussure (2006), compreendemos que essa atualização está para a ordem de um movimento que se dá a partir de um falante, o qual coloca as “peças” em jogo, seguindo as regularidades do princípio de ordenação que rege o sistema linguístico em questão. Desse modo, se a ele cabe atualizar os signos em cada ato de fala, mas sempre de acordo com as regularidades do sistema, entendemos que o falante não é senhor de sua língua e que há algo que foi se estruturando socialmente e está para ser seguido, pois, segundo Benveniste (2006), não produzimos a língua fora de esquemas. Assim, vale dizer que não há ato de fala sem falantes. Então, se a língua é um sistema de signos linguísticos, ela só tem a regularidade e ordenação que organiza um sistema porque tem alguém que as faz: o falante.

No que diz respeito aos atos de fala, ressaltamos que é via esses atos que há a estabilização do signo linguístico, o que não significa, conforme já abordamos, que significado e significante estejam colados. Isso porque há uma hiância entre os signos e, também, no interior deles, exatamente por não conseguirem apreender o total daquilo que “nomeiam”⁵. É por isso que são características do valor linguístico os aspectos relacional, opositivo e negativo.

Nessa perspectiva do valor, cumpre dizer que ele está para a ordem de um lugar que o signo assume num estado momentâneo com outros signos do sistema, o que nos leva a associar à ideia de que, de acordo com Saussure (2006, p. 90), “uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante. É uma das conseqüências da arbitrariedade do signo”, o que faz com que o sistema esteja aberto às possibilidades, sujeito a alterações via fala. E esse é seu papel, ou seja, é a partir dela que podemos dizer que a língua é uma estrutura que se mantém sempre aberta.

Estrutura ou sistema?

⁵ Conforme Saussure (2006), a língua não é nomenclatura, já que não consegue nomear todas as coisas.

Só há estrutura daquilo que é linguagem (DELEUZE, 1973, p. 272).

Deleuze (1973), no texto *Em que se pode reconhecer o estruturalismo*, afirma que, se há linguagem, há estrutura envolvida. E essa noção embasa fortemente o estruturalismo, o qual segundo o autor, é oriundo dos trabalhos de Saussure, da escola de Moscou e de Praga. O autor afirma ainda que é possível pensar em critérios, conforme aventado pelo próprio título da obra, para o reconhecimento do estruturalismo, e um desses critérios são as relações que se dão nas estruturas. Também na teoria do valor saussuriana, por exemplo, um dos fatores que a fundamenta são justamente as relações, o que não implica classificar, no entanto, Saussure como estruturalista, já que, conforme compreendemos, a perspectiva saussuriana considera um falante cuja função é movimentar o sistema linguístico.

Outro critério para reconhecer o estruturalismo é o da “casa vazia”. Associando-o à teoria do valor saussuriana, cumpre dizer, conforme considera Deleuze (1973), que é preciso do vazio para haver movimento, ou seja, é esse vazio que o possibilita. Os jogos, por exemplo, precisam da “casa vazia” para avançar e funcionar, o que nos leva a destacar o “jogo da velha”, em que, pelo menos, um espaço ficará sem ser preenchido ao término de uma partida. Desse modo, o critério da “casa vazia” tem relação com a teoria do valor saussuriana, uma vez que ambas estão relacionadas ao aspecto topológico (lugar), que muda dependendo das relações de vizinhança. Ademais, a “casa vazia”, segundo Deleuze (1973, p. 299), é o “único lugar que não pode nem deve ser preenchido nem mesmo por um elemento simbólico”, implicando dizer que o seu vazio leva ao deslocamento em relação a si mesma e em relação aos elementos simbólicos.

Conforme já mencionamos, a teoria saussuriana considera que há diferentes possibilidades de deslocamentos permitidas pelo sistema linguístico, o que aponta para uma espécie de “casa vazia” ali. Há um vazio (hiância) no interior do significante que faz com que seja possível associar diferentes significados a ele. Todavia, vale dizer que um elemento linguístico não se funde no outro, havendo sempre espaço vazio, é a própria questão da não-essencialidade, da não propriedade totalizante, não havendo, portanto, propriedade *a priori*.

Ressaltando ainda esse critério, a partir do qual se dão as movimentações no sistema, se os deslocamentos são possíveis, isso não ocorre senão pela possibilidade de um lugar vazio a ser ocupado pelas peças em jogo. É, sobretudo nesse ponto que Saussure

(2006) e os estruturalistas diferem-se, ou seja, no que diz respeito ao que faz movimentar o sistema. Diferentemente do modo como consideram os estruturalistas – as movimentações dos jogos como sendo em função do que o próprio sistema permite, fechado em si, de uma casa vazia, isto é, por questões intrínsecas à estrutura –, para Saussure, os deslocamentos entre significado e significante se dão via atos de fala, pela atuação do falante, por ser ele quem atualiza os signos, que ganham valores nesses atos. Esse é, portanto, outro ponto em que Saussure (2006) e estruturalistas divergem, uma vez que, diante da afirmação saussuriana “a língua propriamente dita”, os estruturalistas tomam a língua como o único objeto de estudo da linguística. E isso tem implicações na escolha e na própria denominação do objeto de estudo de cada um (estruturalistas e Saussure).

Acreditamos ser por isso que, para os estruturalistas, fala-se em *estrutura*, enquanto Saussure (2006) emprega o termo *sistema*. Esse autor faz pontuações sobre as unidades que entram em relação na língua falando a respeito de *sistema linguístico*, o que é posteriormente retomado pelos estruturalistas e, por seu próprio posicionamento teórico, denominado de estrutura. Nesse sentido, compreendemos que, Saussure (2006), ao discorrer sobre sistema linguístico (língua) no CLG, também discorre sobre fala, e reconhece o papel do falante, apontando para o fato de fazerem parte da linguagem, que, conforme já dissemos, é multiforme e heteróclita, indicando algo da ordem de uma obscuridade.

Considerações finais

Saussure (2006) considera que a realidade da linguagem é obscura. Se essa realidade está para a ordem da obscuridade, a língua, que faz parte da linguagem, também é obscura, ressaltando que pode haver, por exemplo, relações imprevisíveis entre os signos linguísticos e seus elementos constituintes. Assim, Saussure (2006, p. 16), ao considerar a relevância de “colocar-se *primeiramente* (grifo nosso) no terreno da língua” nos estudos linguísticos, não deixa de reconhecer aí o papel da fala, sendo nela, no estado momentâneo do ato de fala, que os signos adquirem valor, inclusive valores imprevisíveis.

Nessa perspectiva, Saussure (2006, p. 141) afirma que “a língua é uma álgebra que tem somente termos complexos”. Compreendemos que a expressão “termos complexos” aponta para o fato de os signos linguísticos serem passíveis de ganhar novos valores, levando-se em conta a relação entre eles. Desse modo, essa expressão indica a questão do

não-essencialismo da língua, o que nos remete a outro dizer de Saussure (2006, p. 146), ao afirmar que “uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra”. *Palavra*, nessa citação, corresponde a *signo linguístico*, que está sempre aberto a novos significados, ressaltando que “é próprio da fala a liberdade das combinações” (SAUSSURE, 2006, p. 144), mas havendo limites impostos, por exemplo, pelo próprio sistema linguístico, ou seja, não é qualquer coisa que se pode fazer com a língua, o que indica que ela é, sob prisma saussuriano, concreta.

Referências

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.

DELEUZE, Gilles. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In: CHÂTELET, François (org.). **História da filosofia: idéias e doutrinas**. v. 8. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.